PME Magazine
Portugal.Mundo.Empresas

JANEIRO 2022 • TRIMESTRAL • EDIÇÃO 23
DIRETORA: MAFALDA MARQUES
PMEMAGAZINE.SAPO.PT

pmemagazine.sapo.pt

ELISABETE JACINTO

Liderança olhos nos olhos

Figura de destaque

Elisabete Jacinto

"O espírito de abertura caracteriza o líder do futuro"

Não existe liderança sem pessoas

Texto:
João Carreira
Redação

É dando que se recebe, já dizia o ditado e é disso que se trata a primeira edição da PME Magazine de 2022: liderança inclusiva.
O mundo está em constante mudança e a forma de liderar não é exceção. Hoje em dia, tem-se adotado um método cada vez mais inclusivo de liderar, o que, na maioria dos casos, se traduz em melhores resultados para as empresas, devido a um ambiente de trabalho mais positivo. Fala-nos disso Elisabete Jacinto, figura de capa da revista, enquanto nos conta o seu vitorioso percurso nas corridas até ao mundo empresarial.

Acompanhe-nos nesta jornada.

Boas leituras e bons negócios!

ColorADD na PME Magazine

A PME Magazine conta com
15 grandes secções, que servem de guia estrutural para as temáticas abordadas. De forma a tornar a revista mais inclusiva, foi integrado nas secções o sistema de identificação de cores ColorADD. Assim, cada secção conta com uma cor diferente, identificada com um símbolo que permite a pessoas daltónicas identificarem as cores que estão a ver. Desenvolvido com base nas três cores primárias, representadas através de símbolos gráficos, o código ColorADD assenta num processo de associação lógica que permite ao daltónico, através do conceito da adição das cores, relacionar os símbolos e facilmente identificar toda a paleta de cores. O branco e o preto surgem para orientar as cores para as tonalidades claras e escuras.

DIRETORA: Mafalda Marques ● **EDITORA:** Ana Rita Justo ● **REDAÇÃO:** João Carreira ● **VÍDEO E FOTOGRAFIA:** Guilherme Mendes, NortFilmes e João Filipe Aguiar ● **DESIGN GRÁFICO:** José Gregório Luís ● **DIGITAL MANAGER:** Sofia Neves ● **ESTATUTO EDITORIAL** (leia na íntegra em pmemagazine.sapo.pt) ● **DIREÇÃO COMERCIAL** - Daniel Marques ● **EMAIL:** publicidade@pmemagazine.com ● **PROPRIEDADE:** Massive Media Lda. ● **NIPC:** 510 676 855 ● **MORADA DA SEDE DA ENTIDADE PROPRIETÁRIA/EDITOR:** Lisboa Biz – Av. Engenheiro Arantes e Oliveira, n.º 3 R/C – 1900-221 Lisboa ● **REDAÇÃO:** Lisboa Biz – Av. Engenheiro Arantes e Oliveira, n.º 3 R/C – 1900-221 Lisboa ● **TELEFONES:** 217 112 690 ● **EMAIL:** info@pmemagazine.com ● **N.º DE REGISTO NA ERC:** 126819 ● **EDIÇÃO N.º:** 22 ● **DEPÓSITO LEGAL N.º:** 427738/17 ● **ISSN:** 2184-0903 ● **TIRAGEM:** 1000 exemplares ● **IMPRESSÃO:** Sprint - Zona Industrial Segulim, Rua José Pereira, Lote 3ª, 1685-635 Famões, Odivelas ● **DISTRIBUIÇÃO:** por assinatura anual ● **PERIODICIDADE:** Trimestral

“O espírito de abertura caracteriza o líder do futuro”

Elisabete Jacinto

Foi no mundo motorizado, tanto em motas como camiões, que se notabilizou, venceu várias provas, ultrapassou desafios como o Rali Dakar ou o Africa Eco Race (este em primeiro lugar), e agora transpõe as qualidades de liderança que adquiriu (e aprendeu) nas experiências por que passou para o mundo empresarial. Falamos de Elisabete Jacinto, a mais titulada piloto de todo-o-terreno em Portugal.

PME Magazine – Quem é a Elisabete Jacinto, fora do contexto competitivo?

Elisabete Jacinto – *[risos]* Não sei bem o que lhe diga, mas sou uma mulher com muito dinamismo, com muita vontade de fazer coisas. Licenciei-me em Geografia e comecei por ser professora, mas, mais tarde, o desporto começou a ocupar um papel muito importante na minha vida e fui atrás do meu sonho, num desafio de ver até onde é que poderia ir. Quando percebi que podemos fazer muito mais do que aquilo que acreditamos, essa convicção levou-me a enfrentar desafios cada vez maiores e mais difíceis. A competição foi um desses aspetos.

PME Mag. – Como surgiu este gosto pelas corridas e a entrada em competição?

E. J. – Foi por acaso. Comecei por tirar a carta de mota, comprei uma mota de todo-o-terreno, com o guarda-lamas alto, depois tive a minha primeira experiência num passeio, a Ronda dos Castelos, com o meu marido e, de facto, aquilo não correu nada bem... Dos 200 quilómetros do passeio, só consegui fazer 80, mas, no final, olhámos um para o outro e dissemos: “Este é o *hobby* das nossas vidas, o problema é que as motas não prestam”. Então tivemos um ano inteiro fechados em casa a amealhar para comprar duas motas próprias para todo-o-terreno. Foi assim, começámos a fazer passeios pelo Alentejo com um grupo de amigos, até que um dia um deles decide fazer uma prova de competição e desafia todos os outros e, claro, no meio do entusiasmo de toda a gente, pus-me completamente fora do grupo porque achei que não era algo que estivesse ao meu alcance, mas os meus amigos começaram a dizer: “Não, tu tens de vir, há outras raparigas, tu sabes andar e tens de vir connosco”. E eu dizia: “Não é possível, não vou ser capaz, porque eu ando 50 quilómetros atrás de vocês ao fim de semana, como é que vou fazer 300 numa prova?”. E eles insistiam, ao ponto de esta insistência ter funcionado para mim como um voto de confiança. Dei comigo a pensar: “Será que sou capaz?”. Fui fazer essa primeira prova, o Grândola 300, lembro-me que, passados 100 quilómetros, já não me ▸

Texto:
João Carreira
Redação
Fotografia:
João Filipe Aguiar

Além de piloto, nas provas, é a Elisabete quem gere a equipa

conseguia mexer em cima da mota, cheia de dores no corpo, só cerrava os dentes e pensava: "Tenho que chegar ao fim". Não consegui chegar ao fim, mas se fossem perguntar quem era a pessoa mais feliz daquela competição, não era o rapaz que tinha ganho, era eu que tinha desistido porque ali percebi uma coisa que já andava desconfiada: é que somos muito mais capazes do que aquilo que acreditamos que somos e percebi que era capaz de fazer mais coisas, era mais forte do que aquilo que pensava. Aí ficou aquela paixão pelo todo-o-terreno e pela competição. A partir daí, vim para casa completamente obcecada pela ideia, sempre a perguntar a mim própria: "Como é que eu arranjo dinheiro? Físico? Como ganho técnica? Como me preparo?". A partir daí, fiz todas as provas que vieram a seguir ao longo de vários anos.

PME Mag. – Disse que se colocou de lado. Foi difícil a integração por ser mulher?

E. J. – Não foi difícil a integração, mas foi difícil ultrapassar uma série de obstáculos que, naturalmente, surgem pela forma como a nossa sociedade se construiu, pelos estereótipos que nos envolvem, pela forma como encaramos todas estas coisas, esta maneira de estar dos homens e das mulheres, o que é que uns devem fazer, o que é que os outros não devem fazer e, no final, tive de enfrentar uma série de dificuldades que fui ultrapassando. Mas reconheço que, se fosse homem, se calhar teria feito uma progressão mais rápida e mais fácil. Assim, tive uma série de dificuldades acrescidas que fui ultrapassando calmamente, demorei mais tempo, mas não houve problema, consegui chegar onde queria.

PME Mag. – Olhando para o tópico da saúde mental dos desportistas que se encontra na ordem do dia, como é que se treina a resiliência mental?

E. J. – É muito importante a pessoa ter uma estabilidade emocional muito boa, tem de ser muito confiante nela própria e tem de ter um meio e pessoas à volta que a apoiem francamente. Se tivermos essa base emocional e esse suporte dos outros, ou pelo menos de uma ou duas pessoas mais próximas, acabamos por conseguir suportar todas as contrariedades. O que acontece no desporto é que levamos a nossa capacidade ao limite e depois temos de ir ainda mais longe e isso exige muito de nós. Se não formos pessoas fortes e seguras, vacilamos. Muitas vezes, estive à beira desse vacilar e senti essa fragilidade, mas tive a sorte de ter o meu marido do meu lado, que foi sempre um pilar muito seguro e depois tive aquela possibilidade de ir refletindo calmamente sobre os meus erros e aprender com eles e isso é algo que nos ajuda porque é impossível fazer uma progressão, seja no desporto, seja onde for, sem cometer erros. E se não tivermos

"Se fosse homem, se calhar teria feito uma progressão mais rápida e mais fácil."

Elisabete Jacinto

"Quando percebi que podemos fazer muito mais do que aquilo que acreditamos, essa convicção levou-me a enfrentar desafios cada vez maiores e mais difíceis.

Elisabete Jacinto

aquela possibilidade de enfrentar as nossas fraquezas, defeitos e erros, aprender com eles e tirar partido daqueles momentos maus, não conseguimos ir a lado nenhum. Essa capacidade de enfrentar, de olhar para nós próprios, de nos conhecermos, de avaliarmos as nossas fraquezas e de as reconhecermos e conseguirmos lidar com elas, é isso que nos permite ultrapassar as dificuldades e subir degrau a degrau para sermos cada vez mais fortes.

PME Mag. – **Na imensidão de um deserto, a solidão é capaz de ser o maior obstáculo... Como se dá a volta a esta situação?**

E. J. – Eu senti-o muito no meu primeiro Dakar. O meu primeiro Dakar foi marcado pelo sentimento de solidão e aí percebi o quão forte e desgastante este sentimento é. Às vezes, digo às pessoas que a solidão pode matar e as pessoas não têm noção disso. A solidão é absolutamente desgastante. Para mim, foi muito duro. Como é que ultrapassei? Às vezes, temos sorte na vida e há momentos que fazem a diferença. Aquele primeiro Dakar foi, de facto, arrasador. Senti-me muito só, nos meus objetivos, nas minhas decisões, no deserto, nos meus problemas. Não tive sucesso, desisti nesse rali, mas quando voltei para casa, algum tempo mais tarde, tive a sorte de receber a condecoração da Ordem de Mérito e este gesto foi aquela mensagem a dizer: "Não, tu não estás só, tens um país que olha para ti e que te apoia". E isso foi tão importante, fez tanta diferença que nunca mais me senti só, tive momentos difíceis, angustiantes, mas achava que tinha sempre muitas pessoas a apostar em mim e que acreditavam que eu era capaz. Esse acreditar, esse voto de confiança era muito forte e permitiu-me sempre ultrapassar os problemas. Isso foi, se calhar, o melhor que me podia ter acontecido na vida. Reconhece-se o valor dos desportistas quando estes atingem o ponto mais alto, mas é no caminho que faz falta esse gesto de confiança porque é isso que nos dá força para suportar as dificuldades todas, não só físicas, mas também mentais, que são muito duras.

"Acreditar que somos capazes"

PME Mag. – **Quais são as características mais importantes para alguém ser bem-sucedido nesta área?**

E. J. – Há um aspeto muito importante, que é a vontade de querer chegar a um objetivo, de realizar um sonho e essa vontade é o que nos leva muito longe. Depois há um outro fator que é acreditarmos que somos capazes, porque se duvidarmos um único segundo que seja, nem sequer tentamos, principalmente quando os nossos objetivos são muito ambiciosos. Mas quando acredito que sou capaz, isso dá-me uma energia enorme para partir à conquista, arregaçar as mangas e começar o trabalho. Esses dois aspetos são fundamentais e depois há um outro que é um complemento destes que é a persistência, o trabalho, a dedicação, o nunca desistir, o nunca baixar os braços, o estar sempre pronto para enfrentar as contrariedades e aceitar que as contrariedades são normais, e que temos de lidar com elas. Não é pensar: "Agora vou trabalhar muito e tudo me vai correr bem". No princípio achava que sim, mas depois percebi que não. Apesar de trabalhar muito e fazer tudo bem, há sempre qualquer coisa que falha e esses eram momentos em que perdia imenso tempo a pensar: "Mas, se fiz tudo bem, porque é que as coisas não correram bem? Naturalmente, falhei nalguma coisa, não, eu fiz tudo bem... Tens de pensar melhor!". E, aí, eu fazia grandes progressos como pessoa porque descobria coisas que não tinha visto antes, na minha maneira de ser, de estar, de agir e até na maneira de estar com os outros. Enfrentar as contrariedades, às vezes, são os momentos mais ricos da nossa vida e onde fazemos mais progressos.

PME Mag. – Fazendo aqui uma transição para o mundo dos negócios, poder-se-á fazer uma comparação do que é ser um piloto de alta competição com um líder de uma empresa?

E. J. – Sim. Acho que a única diferença é que na alta competição é o corpo do desportista que é o meio de produção e nas empresas não é o próprio corpo do gestor ou de um líder, são outros meios, mas, de facto, a atitude, a maneira de estar é muito idêntica, ou seja, no desporto trabalhamos por objetivos, metas a atingir, temos de ter um método de trabalho muito eficaz, sermos muito dedicados, empenhados, despertos a tudo o que nos circunda, despertos para as oportunidades, para as circunstâncias, para os outros e isto tudo são características que qualquer gestor tem de ter, porque se não tiver, não vai conseguir ir longe. O nível de exigência de liderança numa empresa é muito grande e a pessoa tem de ter uma capacidade de tocar várias áreas para conseguir sem bom e conseguir gerir pessoas e atingir objetivos.

PME Mag. – Em prova tem de tomar decisões na hora, decerto que o mesmo acontece com diretores de empresas. Qual é o truque para tomar a melhor opção, no momento certo?

E. J. – Há sempre muitos imprevistos. Mas, no desporto, há uma ferramenta que utilizamos que é muito útil: o treino. Nós treinamos. Treinamos fisicamente, naturalmente, mas também temos uma coisa que as pessoas podem achar estranho que é o treino mental. Mentalmente, podemos treinar muitas coisas. Eu pensava, muitas vezes, que tipos de problemas é que posso vir a ter e pensava sempre nas soluções. De tal forma que no momento em que o problema surgia já tinha várias soluções na manga e era escolher a que mais se adequava naquela circunstância e os gestores podem fazer exatamente isso. Perante o seu meio, aquilo que têm para fazer, para decidir, podem treinar, praticar, podem perspetivar o futuro, imaginar o que pode acontecer e pensar nas eventuais soluções que podem utilizar para os problemas e essa é uma ferramenta que é muito útil e que ajuda imenso a encontrar soluções rápidas nas várias circunstâncias.

PME Mag. – O que é que partilha nas suas palestras em empresas?

E. J. – Uso muito o meu exemplo como desportista, porque acumulei vários papéis ao longo da minha carreira desportiva. Tinha o meu papel de desportista em que tinha de me preparar fisicamente, preparar-me mentalmente, tinha de treinar a parte da condução, mas,

além disso, tinha comigo uma equipa, éramos três e, naturalmente, tinha de gerir essa equipa. Fora da parte desportiva, tinha toda uma equipa mais alargada, tinha a preparação do camião, a gestão de todas as coisas e isso acabava por ser uma tarefa bastante pesada, porque era a acumulação de vários papéis que exigiam bastante de mim. Ao longo do tempo, tive de aprender muito, tive de aprender a liderar, tive de aprender sobre gestão, a estar com os outros e depois tive de dar um passo muito importante que é: para lidarmos com os outros, para gerirmos uma equipa, temos de nos conhecer muito bem a nós próprios e se não fizermos primeiro essa fase, não conseguimos ser bons líderes. Nós próprios temos muitos problemas, muitas dificuldades e quando não encaramos essas dificuldades, os nossos defeitos, as qualidades e não sabemos lidar com elas, também não seremos capazes de lidar com os outros. Esse foi um dos passos que tive que dar que foi bastante importante. E, a partir daí, aprender a lidar com os outros. E os outros quem eram? Eram, acima de tudo, pessoas diferentes de mim porque eu era mulher e eles eram homens e isso era mais um acréscimo de dificuldade. Tive de aprender como é que são os homens e como é que são as mulheres, porque nós, normalmente, não temos consciência disso, convivemos uns com os outros, chocamos uns com os outros, mas não temos consciência do que é que faz a diferença e do que é que faz o conflito. Ao aprender, tudo se tornou mais fácil. Aprendi a lidar com os homens e com a minha equipa e, a partir desse momento, as coisas todas começaram a funcionar melhor e a correr melhor, mas cometi muitos erros, fiz alguns disparates, naturalmente, e, ao aprender com eles, também fiz muitos progressos. Nas minhas conferências, partilho as dificuldades por que passei e aquilo que aprendi em situações extremas que podem ser úteis às outras pessoas na gestão de empresas, no trabalho com as equipas. Todos os sonhos se podem realizar, podemos chegar onde queremos se quisermos. Tento explicar quais são as ferramentas que podemos utilizar para atingir as metas e, acima de tudo, um bocadinho a minha experiência de vida e todos os ensinamentos que fui tirando dessa minha experiência.

PME Mag. – Sendo piloto internacional, já teve de lidar com pessoas de diversos lugares. O que é importante considerar quando está perante uma equipa tão diversa?

E. J. – Um dos pontos mais importantes é pensar que cada pessoa

"Muitas vezes, estive à beira desse vacilar e senti essa fragilidade, mas tive a sorte de ter o meu marido do meu lado, que foi sempre um pilar muito seguro."

Elisabete Jacinto

Elisabete Jacinto foi reconhecida com a Ordem de Mérito pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, em 1999

é única. Não é por acaso que o trabalho de equipa é das coisas mais difíceis de conseguir. Cada pessoa é única e, se calhar, tem coisas para dar absolutamente diferentes das outras pessoas. Um gestor é um jogador de xadrez em que cada peça é diferente e tem de saber como é que cada uma delas se movimenta e qual é o impacto de cada uma dessas peças nas outras pessoas. Portanto, é perceber onde está a riqueza daquela pessoa, onde está o seu mérito e onde estão os seus defeitos e gerir cada pessoa em particular. Depois, gerir também a ligação dessa pessoa às outras todas. Por isso é que o trabalho de equipa é extremamente difícil, porque, às vezes, a mistura daquele manancial de pessoas, tirar o que há de melhor de cada uma delas, tentar minimizar e, às vezes, eliminar o que há de pior, não é nada fácil e exige muito de nós. O líder está sempre a ser posto à prova, a ser posto em causa, por isso é que digo que tem de ser uma pessoa muito forte em termos de personalidade e em termos emocionais para não vacilar. Muitas vezes, temos de admitir as nossas fraquezas perante os outros: "Olha, nesta situação não sei mesmo como é que se faz. Podes ajudar-me?". E quando a pessoa é franca, as outras pessoas estão dispostas a ajudar-nos e conseguimos ter uma equipa ainda mais coesa. A empatia, o saber ouvir, o saber estar com os outros é que marca a diferença e que faz com que um bom gestor seja um excelente gestor.

"Reconhece-se o valor dos desportistas quando estes atingem o ponto mais alto, mas é no caminho que faz falta esse gesto de confiança porque é isso que nos dá força para suportar as dificuldades."

Elisabete Jacinto

PME Mag. – A liderança positiva tem sido cada vez mais falada. Como é que os diretores podem implementar esta prática no dia-a-dia da empresa?

E. J. – Têm de aprender. As pessoas são muito centradas nelas próprias, partem daquele princípio tradicional do chefe: "Eu sou o chefe, eu mando, eu decido. Todos os outros estão um degrau abaixo, ou dois, ou três e têm de me dar ouvidos". A boa liderança não se faz dessa maneira. Temos de descer ao nível das pessoas, perceber que tipo de equipa temos connosco e o que é que a equipa precisa de nós. Traçar objetivos, método de trabalho, criar regras comuns de funcionamento para que as pessoas saibam lidar umas com as outras, estabelecer pontes, manter a empatia e tudo isso é o que faz criar um bom ambiente. Aquele ambiente de chefe tradicional não funciona. E, muitas vezes, as pessoas não têm noção disso, o seu ego é muito grande pelo poder que têm e não percebem que não é o poder que lhes dá a capacidade de serem bons líderes e bons gestores. Tem de se aprender, tem de se ouvir os outros, ouvir e aceitar as críticas. Podemos aprender com a experiência dos outros e ajuda-nos imenso a fazer progressos e a dar aqueles passos necessários. Não se nasce líder, aprende-se a ser líder. E isso é que é um aspeto importante que as pessoas todas devem ter em conta.

PME Mag. – Que comportamentos é que caracterizam o líder do futuro?

E. J. – Acima de tudo, é o espírito de abertura. Vivemos num mundo em mudança. A tecnologia está a evoluir a uma velocidade enorme. Os meios de comunicação estão em constante mudança, portanto, o nosso mundo está em constante alteração. Temos de ter o espírito aberto para estar constantemente a aprender coisas novas e a adaptar-nos. Um líder tem de ter uma grande capacidade de adaptação às circunstâncias. Aquilo que se aprende é claro que ▸

> "No desporto trabalhamos por objetivos, temos que ter um método de trabalho muito eficaz e estar despertos a tudo o que nos circunda. Isto são características que qualquer gestor tem que ter para conseguir ir longe"
>
> Elisabete Jacinto

não se deita fora, mas temos que estar sujeitos a aprender coisas novas e a adaptarmo-nos às novas circunstâncias, de outra forma não conseguimos fazer progressos.

PME Mag. – Para terminar, tem alguma história que nos queira contar e que mostre a resiliência de um líder de uma situação em que teve que tomar uma decisão na hora...

E. J. – Vem-me agora à memória uma história em que percebi que, muitas vezes, o problema está em nós. Nós, líderes, entre aspas, é que criamos o problema. Lembro-me que fui fazendo o meu progresso como piloto, fui conduzindo cada vez melhor e, a certa altura, comecei a ganhar confiança e achava que conduzia muito bem, mas, na realidade, havia uma altura em que se criava mau ambiente dentro da cabine, em que o mundo se desmoronava e não me conseguia entender com os meus colegas de equipa, que era, exatamente, nas dunas. E a discussão gerava-se. Chateava-me, francamente, porque o ambiente era péssimo. Precisava muito de apoio e de uma certa tranquilidade para conduzir porque a condução nas dunas é tecnicamente muito difícil e nada funcionava. Um dia, tive necessidade de parar para pensar o que é que realmente acontecia de errado ali e percebi que a culpa era toda minha, pelas diferenças na maneira de estar de ambos os géneros. Nós, as mulheres, gostamos muito de desabafar e de dizer o que nos vai na alma e eu, quando ia a conduzir nas pistas, ia muito concentrada, calada e dentro da cabine existia um ambiente de confiança e de bem-estar e as coisas todas funcionavam bem. Quando chegava às dunas, ficava aflita, porque era difícil a condução e começava nas minhas manifestações de insegurança, com medo que o camião virasse, com medo de não conseguir subir a duna, com medo de ficar enterrada e os meus parceiros, como bons machos latinos, estavam ali para colaborar comigo e, portanto, iam-me dando dicas para me ajudar na condução. Naturalmente, a forma das dicas que eles me davam, como a área deles não era a condução, não era correta e eu ainda ficava mais tensa e, muitas vezes, o meu tom de voz alterava-se e, claro, como bons machos, eles respondiam à letra e o tom de voz deles ainda subia mais e criava-se um momento de discussão. Então, percebi que o erro era meu. Portanto, estava a agir como mulher a desabafar numa situação em que esse desabafo não era bem-vindo e foi aí que tomei consciência de que as diferenças de género têm de ser levadas em conta, e que temos de avaliar o que é que podemos fazer, ou não, em determinadas circunstâncias e, depois de aprender, percebi que tinha de transmitir confiança à minha equipa e se tinha de sofrer para dentro, sofria para dentro, nada de manifestações exteriores e as coisas passaram a correr melhor. É uma história que marca um dos momentos em que percebi que a atitude do líder e da gestão é muito importante nestas equipas onde o trabalho é muito intenso e a proximidade é muito grande. ●

Além de piloto, Elisabete Jacinto é autora de livros de banda desenhada e professora de Geografia

TGX 18.500
MAN
05 VQ 20
EGEO
MAN
62-ZB-72

Elisabete Jacinto, vencedora do Africa Eco Race 2019

Elisabete Jacinto

Nascida a 8 de junho de 1964, Elisabete Jacinto licenciou-se em Geografia + Ramo de Formação Educacional pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 1989, e terminou, no decorrer do ano passado, uma pós-graduação em Psicologia para Não Psicólogos: Aplicações em Contextos de Trabalho, pelo ISPA. Após alguns anos a exercer a profissão de professora, apostou no todo-o-terreno e, através do desporto motorizado, alcançou galardões como: a Medalha Oficial da Ordem do Mérito atribuída pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, em 1999, tendo sido recebida pelo atual chefe de Estado, Marcelo Rebelo de Sousa, passados 20 anos. É autora de livros de aventura e conferencista. No currículo desportivo, destaca-se a conquista do primeiro lugar no Rali da Tunísia, em 2011, primeiro lugar no Rali de Marrocos, em 2013, participações no Rali Dakar e primeiro lugar no Africa Eco Race, em 2019.

PME Magazine
Portugal Mundo Empresas
FIQUE POR DENTRO DE TODOS OS NEGÓCIOS EM 2022!
ASSINATURA ANUAL 39,95€
ELISABETE JACINTO
Liderança olhos nos olhos
BENAMÔR
COSMÉTICA NATURAL PORTUGUESA PELAS BOCAS DO MUNDO
NEVARO
CONHEÇA A 'APP' QUE AJUDA A DIMINUIR A ANSIEDADE
BRAVE GENERATION ACADEMY
FAZER A DIFERENÇA NA EDUCAÇÃO
FIGURA DE DESTAQUE
Foi no mundo motorizado, tanto em motas como camiões, que se notabilizou, venceu várias provas, ultrapassou desafios como o Rali Dakar ou o Africa Eco Race (este em primeiro lugar), e agora transpõe as qualidades de liderança que adquiriu (e aprendeu) nas experiências por que passou para o mundo empresarial. Falamos de Elisabete Jacinto, a mais titulada piloto de todo-o-terreno em Portugal.

FIQUE POR DENTRO DE TODOS OS NEGÓCIOS EM 2022!

ASSINATURA ANUAL
39,95€

ASSINE EM:
pmemagazine.sapo.pt/assinatura

pmemagazine.sapo.pt